



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

CORRECÇÕES

Resposta ao artigo publicado
na «Independencia» da Povoia
de Varzím sob o título
«correções»

{ Continuado do n.º 2 }

II

No capítulo XX do *Folk-lore
Alentejano*, sahido em 1885, pu-
blicou o nosso distincto amigo
Antonio Thomaz Pires, de Elvas,
uma canção que diz assim:

Quem tiver filhos pequenos
Por força lhe ha de cantar:
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar.

Porém no *Estarregense*, de Es-
tarreja, appareceu uma collecção
de cantigas populares, colhidas
por um M. M., que não se sabe
quem é tal personagem, nem
tão pouco a localidade onde re-
colheu taes cantigas, e nessa col-
lecção publica uma quadra que
diz:

Eu canto ao meu menino,
Que me farto de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar.

Logo em seguida vem outra
que diz:

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabelo,
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Na cidade de Coimbra can-
ta-se uma cantiga que não sei
se já foi publicada em algum
cancioneiro, mas se o não foi, fa-
zemol-o agora para que se torne
conhecida, e se veja a semelhan-
ça que ha entre ella e a que o
snr. M. M. publica no *Estarregen-
se*. E' ella:

Nas ondas do teu cabelo
Me fui deitar a nadar,
Se o teu cabelo é rio
P'ra que heid'ir nadar ao mar.

Na canção n.º 16 diz M. M.:
Fui ao mar por ver as ondas,
Ao campo por ver flores,
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

Nos *Materiaes para a Historia
das Tradições Populares do Con-
celho d'Espozende*, publicamos
uma canção com o n.º 75 que
tem grande relação com esta, e
que diz assim:

Fui a França p'ra ver dança,
A' Inglaterra vapores,
Ao Porto para ver ourives,
A Espozende meus amores.

Não quero de modo algum dizer com isto que o snr. M. M. m'a plagiasse, mas é para o snr. Landolt ver a semelhança que existe nas canções colhidas em diversos pontos.

O mesmo M. M. mais abaixo traz uma outra que, a contar da primeira, tem o n.º 27 e diz assim:

Não ha flor como o suspiro
Na minha estimação,
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

Em Espozende canta-se também esta cantiga, a qual é muito frequente, parecendo quasi igual, e differindo só na segunda perna, e isto em uma palavra, temol-a apontada na nossa carteira ha muito para ser publicada;

.....
para.....
.....
.....

E' isto, meu collega e quem quizer que advinhe.

E continuando n'esta tarefa aborrecida, passemos quatro cantigas abaixo onde encontramos uma outra que diz:

Silva verde não me prendas
Olha que me não seguras;
Os meus braços já quebraram
Outras algemas mais duras.

Nós tambem em 1885, no 1.º anno da *Revista do Minho*, e de baixo do n.º 29, publicamos uma cantiga dos arredores de Barcellos que dizia assim:

Sirva verde não me prendas,
Olha que me não seguras,
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

Palavra, palavra, se este senhor não copiou, então é porque a canção andou por lá em viagem

de recreio sem nunca ser deturpada, mas lembre-se que se o snr. Londolt. fosse juiz n'este pleito o M. M. apanhava uma valente descompustura por não a anotar, ou ao meos dizer d'onde era a naturalidade d'essa cantiga, e que era uma variante, etc. etc. E com isto adeusinho.

(Continúa)

José da Silva Vieira.



Contos populares alemtejanos

(Recolhidos da tradição oral)

VI

O conto do gigante

Havia um homem que tinha trez filhas. Andava um dia partindo lenha, e de dentro do pé d'um azinheira sahio-lhe um gigante, e disse-lhe: Has de me trazer uma das tuas filhas. O homem chorou muito, foi para casa e disse ás filhas. A filha mais velha disse: Meu pae, não se apouente, vou eu. No dia seguinte foi com o pae, chegou ao mesmo sitio, appareceu o gigante e levou-a. Chegou a um palacio e o gigante pôz-lhe um collar ao pescoço, entregou-lhe um grande mólho de chaves e disse-lhe: A menina-a todos os quartos pode ir, menos àquelle. O gigante sahio, e a rapariga andou vendo todas as casas, e, puxando-lhe attenção, foi ao tal quarto. Quando o abriu ficou toda atemorizada ao ver muita gente, uns mortos, outros quasi. Fechou muito depressa a porta, quando veio o gigante. Olhou pa-

ra ella e disse: A menina foi áquelle quarto.—Não fui; respondeu ella.—Foi, sim. Tirou-lhe o collar, degolou-a e metteu-a no quarto. No dia seguinte tornou a estar com o homem e pede-lhe a outra filha. O homem todo triste, foi para casa contar o passado á outra filha. Ella disse-lhe: Não se ralle, meu pae, eu vou. No outro dia acompanhou o pae. Chegou lá o gigante, tornou-lhe a pôr o collar ao pescoço e a dar-lhe o mólho das chaves, e a fazer-lhe a mesma advertencia. Ella, logo que o gigante sahiu, abriu todas as portas, e foi tambem ao tal quarto que elle não queria. A rapariga ficou muito assustada em ver tanta morte e ver a irmã tambem muito mal. Disse-lhe a irmã: O' mana vá embora. olhe que elle a mata; repare para o collar, que está manchado de sangue. vá já limpalo. A rapariga foi embora e limpou o collar, mas sempre ficou manchado. Quando o gigante veio disse que ella tinha ido ao tal quarto e pegou n'ella metteu-a tambem lá. No dia seguinte tornou a estar com o homem, e pediu-lhe a outra filha. O homem disse: Ora o senhor, então, já não tenho senão uma.—Ja disse, traz-me a outra. O homem foi e disse á filha, e ella disse: Não se ralle, meu pae, que eu vou. No dia seguinte foi com o pae. Apareceu o gigante e disse-lhe o mesmo. A rapariga tirou o collar e abriu todas as portas, e foi ao tal quarto. As irmãs todas afflictas e ella disse: Não ha novidade, não trago o collar. Andou tratando de todos os doentes e depois fecha-

va a porta e punha o collar. Quando veio o gigante, não lhe viu o collar manchado, ficou muito contente. O gigante teve demora de muitos dias e já os doentes estavam bons. Um principe, que tambem lá estava, mandou vir muitos cavallo e trez canudos, um de sal, outro de areia, outro de cinza, e puzeram-se todos a caminho. O gigante quando veio, que não encontrou ninguem, montou n'um cavallo que andava como o vento. Quando os viajantes olharam para traz, que vêem o gigante, deitaram o canudo de cinza, formou-se um nevoeiro, que se não via nada; depois tornam a avistalo e deitaram o canudo de areia, formou-se um areal. O gigante ficou, depois tornou a seguir, e deitaram o canudo de sal. Ficou um mar. O gigante voltou para traz, e o principe ao chegar a palacio, casou com a rapariga e houveram grandes festas, o todos os mais foram viver com as suas familias. Está o meu conto acabado, seja Deus louvado.

A. Thomaz Pires.



Tradição popular Portugueza

Os portuguezes que povoam as aldeias do littoral conservam em tradição porvoamente deliciosa que Noé foi ao seu paiz, alguns annos depois do diluvio, expressamente para contemplar um lindo pôr-do-sol. E' certo que elle não encontraria sítio mais accommodado ao intento. Aquella gente da-se grande importancia pela magnificencia do espectáculo

com que, dizem elles galardoarem a longa viagem do patriarcha ao occidente, como se os seus antepassados com a sua grande sciencia do scenario celeste, houvesse arranjado tal espectáculo para delute e espanto de Noe. Ora diz lá a lenda que os taes avoengos tinham sido mensageiros previamente enviados pelo patriarcha; e, como achassem a terra bonita, por ali ficaram. Pela vaidade, senão jaetancia, com que os rusticos contam estas coisas do seu bello clima, imaginar-se hia que, por effeito de processos magicos, com estes credulos se deu o caso de collaborarem lá em cima na formação dos eões e do seu esplendido scenario, a ponto de que o sol se despede saudoso e de má vontade quando, por tarde, envia o adeus á terra que tanto ama. *Sol e d'ó*—é o estribilho de uma cantiga nacional e popular; e declara a cantilena que para elles a luz do sol é como um preservativo contra as calamidades da pobreza—mas só na cantiga. *Sol e d'ó*, é muito melhor estribilho que o popular *Pan y toros* da mesma classe, em Hespanha; ambos porém, em alto gráo, demostram o caracter nacional.

Inglaterra.

Catharina Carlota Lady Jachson.

ORAÇÃO

(Variante *)

Puz-me a pé de madrugada
p'ra barrer a Conceição,
encontrei Nossa Senhora
c'um raminho d'ouro na mão;
eu pedi-lhe uma folhinha

(*) Vid. *Materiaes para a H. das T. P. do Concelho d'Espozende*, pag. 34.

ella disse-me que não,
eu tornei-lh'a a pedir,
ella deu-m'o seu cordão,
que fosse fazer tres voltas
à roda do coração.
O' meu padre S. Francisco
acceitae-me esse cordão,
que me deu Nossa Senhora
sexta-feira da Paixão,
sabbado d'alleluia,
domingo da Resurreição.

OS TRES LADRÕES

Pico, pico, eu piquei,
grande milho eu achei,
eu *lobei-o* ao moinho,
o moinho m'o moeu,
o ratinho m'o comeu;
eu chamei por S. Thiago,
S. Thiago não m'ouviu;
ouviram me tres ladrões,
appalparam-me os calcões,
eu cuidei que era graça
bubi binho por uma cabaca.

Recollidos em Espozende.

José da Silva Vieira.

Milvinhas populares mi- nhotas

(Continuado do n.º 4 do 4.º anno)

XXXI

Que é, que é,
mijando uma meijam todas.

—As telhas do telhado quando cho-

ve—

(Continúa)

José da Silva Vieira.